




Estado do Rio Grande do Sul
Assembléia Legislativa

Grande Expediente Especial

Lagoa Vermelha

Deputado Francisco Appio

10.maio.2000



Esta é a lagoa localizada na BR-285, próxima a cidade, que deu nome ao município, vendo-se ao fundo alguns pinheiros

Saudades de Lagoa Vermelha

Valsa - Letra e música de Elyo Theodoro

*Lagoa Vermelha
O terra que espelha
O povo gaúcho
Lagoa, princesa do pinho
Tu és o meu ninho
Cidade sem luxo.*

*Lagoa teu nome é lembrado
Em todo estado
Tua graça domina
Lagoa tua fama se expande
Divide o Rio Grande*

E Santa Catarina

*Lagoa Vermelha
Que saudade me dá
Das lindas morenas
Que ficaram por lá
Lagoa Vermelha*

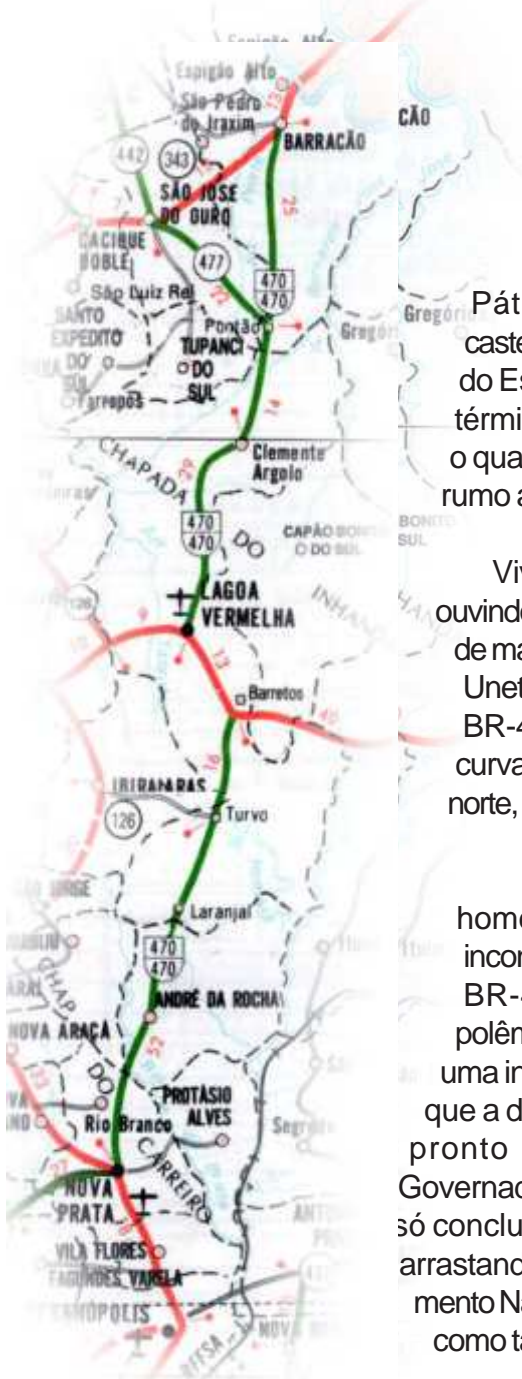
Sobre estas duas composições de Elyo Teodoro, que publico aqui, o folclorista Paixão Côrtes, nos conta, esta historietta-documental:

"Em 1958, comandava eu, com o poeta Dimas Costa, um programa gauchesco noturno, de grande audiência na Rádio Gaúcha. Seu título: Festança na Querência. Nele, criamos uma secção 'Invernada dos Cantores e Compositores' que oportunizava o surgimento de novos valores à área musi-poética do gauchismo radiofônico.

Em certo domingo, apresentou-se a mim, um candidato com seu violão à mão. Deforma meio acanhada, disse-me: 'eu tenho uma valsinha que eu fiz em homenagem à minha terra, que eu gostaria de lhe mostrar. Ela chama-se Saudades de Lagoa Vermelha'.

Ouvi-o. Pela singeleza e autenticidade da letra, e pela pureza da música, logo o inscrevi para cantar. Ao final do Festança na Querência, tinha o autor -Elyo Teodoro - sido escolhido, como o melhor da noite, pelo aplauso do público e abocanhado o prêmio de alguns mil-res! Incentivei-o. Assim, ele voltou mais vezes ao programa, com outras composições suas, merecendo sempre o reconhecido aplauso do auditório".

Deputado Francisco Appio



Lagoa Vermelha *Capital do Pinho*

Os 200 anos de guerra em defesa da Pátria brasileira contra uma ambição castelhana quase dividiram a Região Nordeste do Estado – lugar em que nasci, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, e para o qual retornarei na minha última caminhada rumo ao Oriente Eterno.

Vivi os meus primeiros anos de infância ouvindo o ronco dos caminhões transportadores de madeira, também chamados gostosões, da Unetral – hoje Unesul –, que atravessavam a BR-470, intercalando buracos com pedras, curvas e acíves, ligando Lagoa Vermelha, ao norte, com Barracão, e, ao sul, com Porto Alegre.

Desde Plauto de Abreu aos demais homens públicos que o sucederam, foram incontáveis os que se comprometeram com a BR-470. Essa rodovia virou bandeira, polêmica, provocação, intriga e desafio; enfim, uma interminável novela, até mesmo maior do que a da Ponte do Barracão, que recebeu um pronto atendimento por parte do então Governador Antônio Britto. Em seu governo, não só concluiu essa obra, cuja realização vinha se arrastando por mais de uma década no Departamento Nacional de Estradas e Rodagem – DNER, como também ampliou o asfalto de Sananduva



até o rio Pelotas, na divisa com Santa Catarina. Pelo sul, projetou e contratou os 15 quilômetros de André da Rocha com Nova Prata, que não viu concluir, com a perda das eleições. Substituído o governador, o projeto está nas prateleiras, à mercê da boa vontade dos governantes.

Dos tempos de Tupinambá, onde nasci – então próspero Distrito de Lagoa Vermelha –, aos dias de hoje, as coisas mudaram, e para pior, com o êxodo rural. Aos gritos – Salvem a pecuária e agricultura! –, muitos desistiram e, desanimados, migraram para a cidade maior. O filho do patroleiro Luiz e da italiana Cebila, neto do imigrante José, viu os campos per-

derem os pinheiros e o gado ceder lugar à soja, ao milho e à maçã.

A velha lagoa, de águas avermelhadas, como escreveu o saudoso Fidélis Dalcin Barbosa, no seu livro *Lagoa Vermelha e sua História*, de 1974, deu origem ao nome do município. Nome antigo, dos primeiros tempos da Província de São Pedro, quando pertencia, há mais de século e meio, a Santo Antônio da Patrulha.

O Caminho dos Tropeiros foi ponto de referência entre os Campos de Cima da Serra e o Planalto. O verde oceano – lembrem bem, em seus escritos, Nivio Castelano, Demétrio Dias de Moraes, Jeni Ávila Reis, Pércio de Moraes Banco, Coronel Libório Pimentel e Fidélis Dalcin Barbosa – era ocupado por uma figura altaneira, centenária e de inestimável valor: o pinheiro. O pinheiro, da família das araucárias, disseminou-se pela Região Nordeste, graças à mãe natureza e sua fiel plantadeira, a gralha-azul. Veio o pinheiro, a pi-

nha e o pinhão, alimento de animais, indígenas, jesuítas, portugueses e, finalmente, dos imigrantes.

Cercada de lendas, Lagoa Vermelha, Capital do Pinho, cresceu e fez crescer, com sua gente e seus feitos. Na década de 40, as máquinas rodoviárias abriram a BR-285, para integrar, sem cortar ou destruir, e facilitando o trabalho das 500 serrarias que travaram um combate sem tréguas contra as araucárias. Poucas serrafitas restaram; porém, muitos pinheiros sobreviveram.

Os pinheiros fizeram a vida, a fortuna e até a desgraça de muitos, mas quase todos sobreviveram. Lagoa Vermelha, outrora Capital do Pinho, deu lugar aos novos tempos como Capital da Amizade, pela hospitalidade de sua gente.

O Estádio Tapete Vermelho virou verde, ganhou grama. A cidade avançou, a indústria moveleira lá se instalou, e Lagoa Vermelha cresceu. Mas a Lagoa permanece intocável, e num ou outro lugar ainda desponta o pinheiro, sentinela avançada,

guarda das esperanças e sonhos que haverão de se concretizar.

Agora, não são mais 200 anos de guerra contra os castelhanos, dividindo espadas e lanças entre portugueses e espanhóis em suas terras; agora, são 119 anos, desde que obteve sua autonomia, desmembrando-se de Vacaria, com a qual disputou liderança, intercalando a sede da grande região.

Os caigangues e coroados foram dizimados, e os missionários jesuítas foram massacrados ou voltaram para as terras espanholas – definidas no Tratado de Tordesilhas –, mas o pinheiro ficou, está lá, meio isolado, em pouco número, ocupando pontos de vanguarda, parecendo um vigilante bem postado e armado, protegendo quem chega e quem vai, servindo de pousada para o João-de-barro ou para a gralha-azul, e dando ainda sustento para muita gente.

Perto dali, por exemplo, o novo Município de Muitos Capões promove, anualmente, a tradicional Festa do Pinhão. E o fruto, caído das pinhas maduras ou reti-

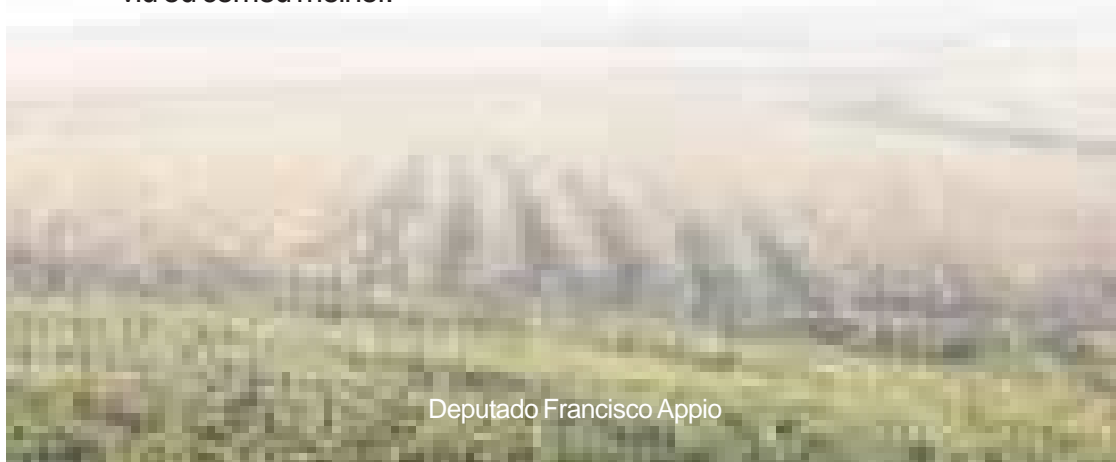
rado por catadores acrobatas, alimenta uns, faz a festa de outros, na chapa, no braseiro, na panela ou na grimpa.

Há estórias e mais histórias, lendas e fatos que enriquecem a vida de um povo e sua terra, mas ocorre-me lembrar desta família, constituída de pai, mãe e filho. Por isso, neste dia 10 de maio, nesta homenagem a Lagoa Vermelha, recordo-me do pinheiro, da pinha e do pinhão.

Certamente ainda me sobrá tempo para um dia lembrar das músicas do tio Góis e do tio Pedrinho, das danças que o Pai-xão Côrtes recolheu – e que devo publicar no futuro –, do churrasco consagrado pelo corte, que ninguém sabe se nasceu com o Chico Fialho no Tupinambá ou com o Lelo na Estância, mas todos concordam que a carne e o churrasco de um sabor inigualável ninguém viu ou comeu melhor.

É bem lembrada a Estância ou Clemente Argolo, berço de figuras extraordinárias, como as do saudoso Rubem Ludwig e da bem-sucedida jornalista Ana Amélia Lemos, embaixatriz da produção primária deste Estado, que, em Brasília, sem mandato, mas com tribuna, marca com competência as posições de quem vê no campo e na lavoura a solução dos problemas do País de 500 anos.

Quando o paranaense José Ferreira Bueno, Capitão da Guarda Nacional, chegou às terras de Lagoa Vermelha em 1840, o pinheiro já era dono deste chão, ocupando boa parte da área de um milhão de metros quadrados, doada pelo fundador para edificar o povoado, município em 10 de maio de 1881, com 8 mil quilômetros quadrados de área.



Deputado Francisco Appio

O pinheiro era a matéria de combustão das 500 serrarias a que me referi, cadastradas em 1947, quando este lagoense viu a luz, lá pelas bandas do Tupi. Foi a década que marcou a chegada de nova leva de imigrantes, que 70 anos antes haviam chegado ao sul do Brasil, especialmente a Antônio Prado, Bento Gonçalves e Caxias do Sul. Dezenas de velhas colônias e distritos desmembraram-se e constituem hoje mais de 50 municípios, de Veranópolis – antiga Alfredo Chaves – até Machadinho, passando por Sananduva, São João da Urtiga, Paim Filho, Cacique Doble, São José do Ouro, Barracão, Santo Expedito do Sul, Tupanci do Sul, Capão Bonito, Caseiros, Ibiaçá, Muliterno, André da Rocha, Protásio Alves, Nova Prata, São Jorge, Guabiju, Nova Araçá, Vila Flores e tantas outras.

O primeiro imigrante italiaGrande Lagoa Vermelha, de onde surgiram dezenas de municípios. Planalto do Nordeste Rio-Grandense, a 28 graus, 25 minutos e 35 segundos de latitude sul, e 51 graus, 35 minutos e 51 segundos de longitude sobre o Meridiano de Greenwich. No Cle-

mente Argolo, antiga Estância, a altitude chega a 900 metros, mas, na sede, baixa para 820 metros, mesmo assim bem acima do nível do mar, com clima ameno e saudável, um dos melhores do Estado. O frio traz geadas e neves, mas no verão a temperatura não passa de 30 graus.

Terra e clima são adequados à proliferação do pinheiro, hoje preservado pela lei e pela vontade de muitos.

Do jornal Eco Lagoense, do qual fui modesto colunista nos anos 60, aos semanários bem sucedidos de hoje Gazeta Popular e Folha do Nordeste, todos marcaram suas páginas na defesa da preservação do primeiro vigilante de nossa terra. Em décadas anteriores, figuras ilustres como Aurélio Lira Tavares, Francisco Ricardo, Ovidio Chaves, Manuel Duarte, Maximiliano de Almeida, Demétrio Dias de Moraes, Tristão Feijó Ferreira, Salatiel Soares de Barros, Nivio Castellano, Adair Caetano Peruzzolo, José Luiz Garcez, Carlos de Oliveira Machado, Luiz Carlos Alves, João Pantaleão Leite, Roque Ferreira, Isac Chedid, Cezar Muliterno,

Barthira Bitencourt, Bambina Fonseca, Protásio Lemos da Luz, Davino Nepomuceno, Jeni Ávila Reis, Anita Vieira Berthier, Leonor D'Ávila Hoffmann, Aldoir Nepomuceno, René Onzi, Ademar Fagundes. Paulo Lacerda, Antônio de Souza Neto, Dorval D'Ávila Vieira, Itacir José Barreto Mello, Joaber Pereira, Algemiro Trindade Vieira, Léo Lima – desembargador –, Jarbas Lima – presidente do Sport Clube Internacional –, Marcelo Rech – da Guaíba –, Paulo Gilvane – da Gaiúcha –, Rubem Ludwig, Ana Amélia Lemos, Mansueto Bernardi e outros cuidaram de valorizar a história de seu povo, escrevendo sobre ele. Um dos mais notáveis foi o Dr. Manoel André da Rocha, primeiro juiz de Direito de Lagoa Vermelha, desembargador e primeiro reitor da Universidade de Porto Alegre.

Lagoenses, os Deputados Plauto de Abreu, Eloi Lenzi, Abelardo José Nacul, João de Paula e Silva, Jarbas Lima e Francisco Appio, jamais deixaram de registrar a importância de sua terra e de sua gente.

A primeira música que os

coroados e caigangues ouviram nasceu do vento minuano, soprando no inverno planaltino, derrubando pinhas e oferecendo pinhões. O balançar das frondosas copas dos pinheiros certamente estimularam a inspiração do Poeta Ovidio Chaves, quando nos deixou a quadrinha popular: Fiz a cama na varanda/ me esqueci do cobertor/ deu vento na roseira/ me cobriu todo de flor. O mesmo vento minuano soprando nos pinheiros fez a coreografia para a famosa valsa que homenageia a cidade, gravada por Helio Teodoro, na década de 40. E quem inspirou, senão o bailar dos galhos pinheiros e suas grimpas, para animar o João Laranjeira, que, em 1900, tocava gaita, cantava e assobiava o Xote Laranjeira. Mais tarde recolhido por Paixão Côrtes, foi gravado, pelos Irmãos Bertussi. Tanto no disco da valsa, como no do xote, o pinheiro, dominou a paisagem.

Pedro de Góis Vieira – Tio Pedrinho e seu irmão João de Góis Vieira – Tio Góis, eternizaram Lagoa, Capital do Pinho, ao lado dos Irmãos Osório – João Maria e Olivia –, do Porca-Véia, Peri Silva, Darci Nogueira, das Irmãs Klein.

Paixão Côrtes, com sua extraordinária vocação para garimpar jóias preciosas, esquecidas em baús quase enterrados pela história, foi buscar preciosidades como Bailongos-Sapateiros e Festivais Campechanos, que publicamos como homenagem pelos 119 anos de Lagoa Vermelha. Certamente, o pinheiro é o mais homenageado.

Lerei uma manifestação poética de Salvador Filho, denominada O Pinheiro, como uma homenagem àqueles que têm sustentado a terra-mãe: No inverno, o pinheiro me impressionou. Eu o admiro. O frio vem, cai a neve, a geada seca as pastagens, faz as folhas das árvores caírem e tudo parece morrer, e o pinheiro continua verde, continua o mesmo.

Passa um inverno, chega outro e ele continua crescendo. Já desejei ser um pinheiro. Não uma árvore, mas uma pessoa semelhante a um pinheiro. Assim como poucas árvores conseguem conservar suas folhas com o frio do inverno, poucas pessoas conservam seu otimismo nos momentos frios da vida. E há momentos frios, muitos invernos em nossa vida

... Uma crítica é um inverno, é um vento frio que passa por nós. O desprezo é uma geada que esfria e gela nossa vida. A falta de amor é uma neve que cai muito mansa, gelando o coração. O ódio é um inverno sem fim.

Ser pinheiro na vida é continuar de pé, verde, olhando para o céu, crescendo sem desanimar, apesar do inverno; ser pinheiro não é ficar criança. É não se contentar em ficar do tamanho das outras árvores, é passar por elas e mostrar que acima delas há mais espaço para conquistar ...

A natureza que nos cerca é uma lição para nós. Quem abre os olhos pode descobrir riquezas para sua vida. De tudo podemos receber uma lição: 'Basta ter humildade'. Foi isso o que o pinheiro me ensinou. Ensinou muito mais, não posso dizer tudo. E recebi esse ensinamento porque um dia parei. Parei e fiquei olhando o campo imenso que tinha em frente e, acima de tudo, um pinheiro que, ao longe, parecia conversar comigo. E eu conversei com ele. Desde aquele momento o pinheiro me cativou, faz parte da minha vida. O inverno logo começará

novamente e vai tirar muita beleza. As folhas vão cair. Muito verde vai desaparecer. Não importa. Eu ficarei olhando o pinheiro, que me ensinará a superar o inverno da vida, a frieza de muitas pessoas ... A maldade do mundo.

Pinheiro

Árvores de perfil harmonioso e por isso muitas vezes cultivadas como ornamentais, as árvores do gênero *Araucaria* fornecem madeira branca e macia, e suas sementes, os pinhões, têm alto valor alimentício. *Araucária* é uma conífera (as sementes não são abrigadas em frutos, mas reunidas em estróbilos em forma de cone) da família das *araucariáceas*. O gênero compreende 16 espécies, duas na América do Sul, e o restante na Oceania. A espécie brasileira, o conhecido pinheiro brasileiro

ou pinheiro-do-paraná, é a *Araucária angustifolia* ou *A. brasiliensis*, e a espécie chilena é a *A. araucana*. São árvores de trinta a quarenta metros de altura e diâmetro de até dois metros. O tronco é cilíndrico, reto, de casca grossa e resinosa. Os cones têm de dez a vinte centímetros de diâmetro, pesam de um a cinco quilos (em média, dois quilos), e amadurecem entre abril e junho, ocasião em que libertam as sementes, num total médio de cem por estróbilo.

De variadas aplicações, as *araucárias* são usadas na ornamenta-



Deputado Francisco Appio

ção de parques e jardins, e os pinhões constituem alimento de aves e animais silvestres. Sua madeira é empregada em tabuados, pranchões, vigamentos, caixas, móveis, cabos de ferramentas e vassouras, palitos de fósforos, instrumentos musicais, compensados, pasta mecânica e celulose. Do nó da madeira fabricam-se carvões especiais e de sua resina extraem-se tintas, terebintina e ácido pirolenhoso.

A espécie brasileira distribuiu-se por todo o planalto sul do Brasil, desde Minas Gerais até o Rio Grande do Sul. A maior concentração ocorre nos estados de Paraná, Santa Catarina e no nordeste do Rio Grande do Sul. O ponto mais ocidental que atinge é a província de Misiones, na Argentina.

Pinha

A pinha, cone ou estróbilo tem de 10 a 20 cm de diâmetro, pesa de 1 a 5 kg, com média de 2 kg, amadurecendo entre abril e junho. Os pinhões (sementes) têm

de 3 a 6 cm de comprimento, por 1 a 2,5 cm de diâmetro e são obovado-cuneiformes, lisos, avermelhados, com peso de 5 a 10g; cada estróbilo contém de 10 a 150 pinhões, cerca de 10% do total de brácteas. A amêndoa contém matéria amilácea, branca ou levemente rosada, muito nutritiva; o embrião tem dois cotilédones, de 2 a 3 cm de comprimento, hipogeu.

O número somático de cromossomos é 26, grandes e na maioria metacêntricos. A proporção do sexo na espécie brasileira é, em média, 52,4% de plantas masculinas e 47,6% femininas. Além da forma típica, a espécie apresenta algumas variedades com relação ao tamanho das folhas, coloração dos pinhões e época de amadurecimento da pinha, apresenta uma forma monóica, onde a mesma árvore produz flores masculinas e femininas. A madeira é mole, com densidade média de 0,59 g/cm², de fibras (traqueídes) longas, com comprimento e largura médios, respectivamente, de 5.800 e 73 micra.

Aplicação: As aplicações da araucária são diversas. Serve para

ornamentação de parques e jardins; os pinhões fornecem alimento a aves e animais selvagens, como também ao homem. A madeira ou pinho é empregada em tabuados, pranchões, vigamentos, caixas, móveis, cabo de ferramentas e de vassouras, palitos de fósforos, instrumentos de música, artigos de adorno e esporte, compensados, pasta mecânica e celulose; do nó do pinho fabricam-se carvões especiais e da sua resina se extraem tintas, terebintina e ácido pirolenhoso.

Ocorrência: O pinheiro brasileiro distribui-se por todo o planalto sul-brasileiro, desde Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, entre os paralelos 18° e 31°; a maior concentração dá-se nos Estados do Paraná, Santa Catarina e nordeste do Rio Grande do Sul; o ponto mais oeste que

atinge é o território de Misiones, na Argentina, na longitude de 54° W.

Plantio: O plantio de araucária deve ser feito em terreno preparado, por semeadura direta dos pinhões ou por transplante de mudas já formadas: a área individual por planta deve ser de 4 a 5m. A araucária, para atingir um bom desenvolvimento, deve ser plantada em terras de média a boa fertilidade, em altitudes superiores a 500m, de clima ameno e com pluviosidade acima de 1.200mm por ano. Nessas condições, ao cabo de cinquenta anos podem-se obter árvores com 40-50 cm de diâmetro.

Pinhão

A madeira é própria para forros, molduras, ripas, para confecção de cabos de vassoura, caixotaria, brinquedos, estrutura de móveis, palitos de fósforos, pás de sorvete, lápis, carretéis, utensílios domésticos, etc. É amplamente cultivada no sul do país para produção de madeira e pasta celulósica. Seu fruto “pinhão” é comestível e muito apreciado no sul do país. A árvore é extrema-



mente ornamental, podendo ser empregada no paisagismo. Os frutos são avidamente consumidos por várias espécies da fauna; uma ave, a gralha azul, ao esconder os frutos no solo para posterior consumo, acaba involuntariamente contribuindo decisivamente para a disseminação dessa espécie.



Informações ecológicas:

Planta perenifólia, heliófita, pioneira, característica de regiões de altitude onde forma as chamadas “matas de pinhais”. Ocorre geralmente na forma de agrupamentos quase homogêneos, dominando completamente o dossel superior. Em seu sub-bosque ocorrem espécies arbóreas de menor porte.

Fenologia: Floresce nos meses de setembro-outubro. Na verdade esses são os meses em que ocorre a produção de pólen nas flores masculinas e a polinização das flores femininas já formadas muitos meses antes. A maturação dos frutos verifica-se nos meses de abril-maio, vinte meses após o início da formação das flores femininas.

Obtenção de sementes: Recolher as sementes no chão após sua queda das árvores femininas. Um quilograma de sementes contém aproximadamente 150 sementes. Sua viabilidade é gradualmente diminuída após sua colheita, reduzindo-se totalmente em 120 dias.

Produção de mudas: Colocar as sementes para germinação logo que colhidas diretamente em recipientes individuais. A emergência ocorre em alguns dias e, a taxa de germinação é alta com sementes novas. O desenvolvimento das mudas e das plantas no campo é lento.



Me dá um mate

Barbosa Lessa

*Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Nasce mate na roçada,
Nasce amor no coração. (Bis)*

*Eu tenho um cavalo zaino,
Vermelho cor de pinhão,
Fui à casa da morena
Prá tomar um chimarrão.
Fui à casa da morena
Prá tomar um chimarrão.*

*Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Nasce mate na roçada,
Nasce amor no coração. (Bis)*

*Menina dos olhos negros,
Sobrancelha de retroz,
Dá um pulo na cozinha,
Vai esquentar um mate prá nós.
Dá um pulo na cozinha,
Vai esquentar um mate prá nós.*

*Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Nasce mate na roçada,
Nasce amor no coração. (Bis)*

*Senhora dona da casa,
Eu sou muito pedinchão
Mande me dar de beber,
Mas que seja um chimarrão.
Mande me dar de beber,
Mas que seja um chimarrão.*

*Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Nasce mate na roçada,
Nasce amor no coração.*

*Menina dos olhos negros
Me dê mate prá beber,
Não é sede, não é nada,
É só vontade de te ver.
Não é sede, não é nada,
É só vontade de te ver.*

*Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Nasce mate na roçada,
Nasce amor no coração. (Bis)*

*Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Nasce mate na roçada,
Nasce amor no coração.*

Interpretação em disco cantado por J.C.Paixão Cortes

Deputado Francisco Appio



Hino de Lagoa Vermelha

Letra e música de Elyo Theodoro

*Lagoa Vermelha
Cidade do Sul
Princesa do pinho
Sobre o céu azul
Lá existe um lago
da água encarnada
Diziam os antigos
Lagoa encantada*

*Nos tempos de seca
de sol e verão
O nível da água
É beirando o chão
O lago que eu falo
É na beira da estrada
A gente que passa
Fica admirada*

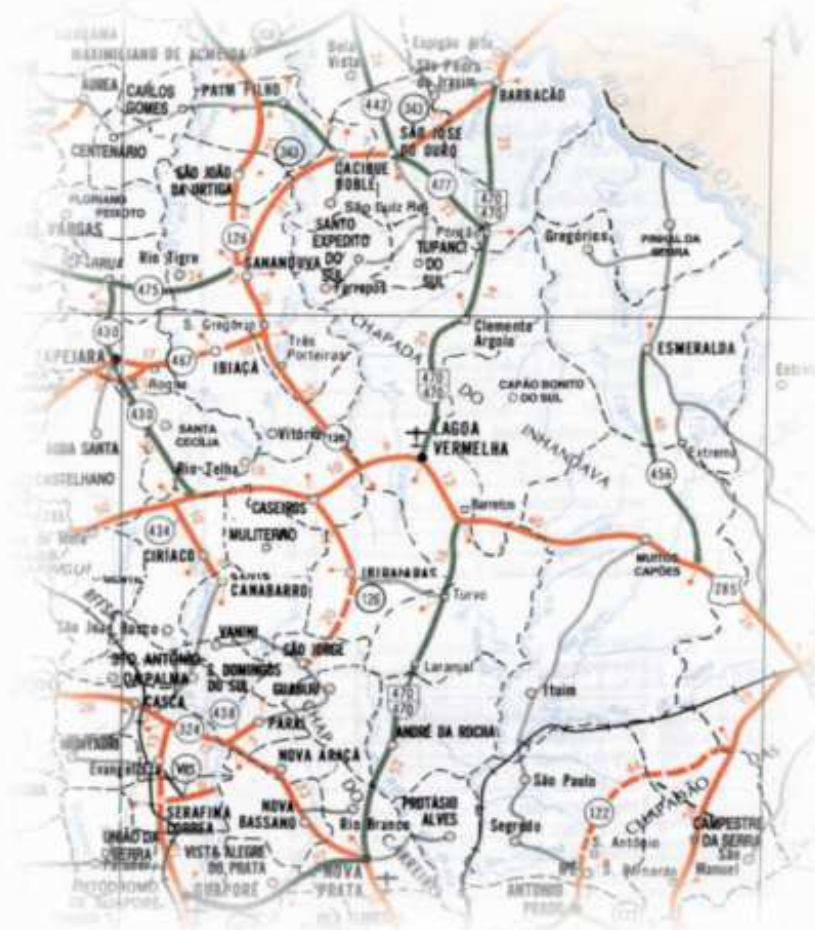
*Lagoa Vermelha
Por ti sinto saudades
Das gaúchas bonitas
Que não têm vaidade
Lagoa Vermelha
O teu povo é gentil
Rincão pequenino*

*Lagoa Vermelha
Cidade neblina
Divide o Rio Grande
E Santa Catarina
Lá existe uma água
Que corre na bica
Quem bebe essa água
Por lá ele fica*

*A água é clara
Como a luz do dia
Dizem que foi benta
Por São João Maria
Um velho profeta
Milagres fazia
Mataram três vezes
Mas nunca morria*

*Lagoa Vermelha
Por ti sinto saudades
Das gaúchas bonitas
Que não têm vaidade
Lagoa Vermelha
O teu povo é gentil
Rincão pequenino*

Lute por este sonho BR-470



O futuro passa por esta estrada

Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul

Gabinete do Deputado Francisco Appio

Fone (51)210-2270 Fax (51)210-2234

E-mail: appio@al.rs.gov.br homepage: www.al.rs.gov.br/appio